

## TIPOS DE ADJETIVO EM PB

Ana Paula QUADROS GOMES<sup>1</sup>

RESUMO. Os modificadores do inglês se especializam em escalas (“*well*”, em completamente fechadas; e “*much*”, em fechadas no grau mínimo) e em adjetivos de grau (AGs) relativos (“*very interested*”) ou absolutos (“*well documented*”, “*much needed*”) (cf. Kennedy e MacNally, 2005). Em PB, “muito” e “bem” modificam qualquer AG. Só “todo” é superseletivo: modifica apenas AGs de escala fechada no grau mínimo (“todo sujo”) e relativos cuja escala não possa ser associada a unidades de medida (“todo feliz”, \**“todo alto”*). Em inglês, os modificadores são complementares quanto aos AGs que selecionam. Já em PB, são complementares as leituras dos sintagmas contendo o modificador e o AG: “todo sujo” corresponde a uma escala completamente fechada e é impermeável ao contexto; “muito sujo” corresponde a uma escala aberta e é suscetível ao contexto. Argumentamos que o comportamento das duas línguas quanto à modificação de AGs espelha o de seus determinantes. O inglês tem determinante especializado em nomes de massa (“*much sugar*”), e modificador especializado em AG relativo (“*very tall*”), e o PB não. O nome nu do inglês “*boy*” é singular (denota uma unidade padrão de menino) e o nu “menino” é sem número (pode denotar qualquer quantidade de meninos); só a descrição definida “o menino” denota uma unidade-padrão de menino em PB. Tanto no domínio das escalas quanto no nominal, o PB distingue entre denotações cumulativas e quantizadas (nomes nus x DDs, escalas abertas x escalas fechadas); e o inglês, entre nomes de massa x contáveis e AGs relativos x absolutos.

PALAVRAS-CHAVE: adjetivos de grau; “todo”; “muito”; escalas, universalidade semântica

### Introdução

O que é um adjetivo de grau (GA)? Segundo a teoria que adotamos (KENNEDY e MacNALLY, 2005), adjetivos denotam funções de medição que mapeiam indivíduos a graus numa escala. Por exemplo, “Sílvia é alta” associa Sílvia a uma medida (1,70 m) que, por sua vez, corresponde a um grau na escala de “altura”. Uma escala é uma pluralidade de graus alinhados numa ordem completa, segundo uma dimensão (“altura”), propriedade (“beleza”) ou um evento (“fechado” descreve um estado que se

---

<sup>1</sup> USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística. Rua Pombal, 727, 1253-010, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: anaquadrosgomes@yahoo.com

instala assim que um evento de “fechar” culmina). As funções de medida denotadas pelos adjetivos são convertidas em propriedades de indivíduos pela morfologia de grau, que aparece em comparativos (“mais que”, “menos que”, “tanto quanto” etc.). Sintagmas Adjetivais nus (“alta”, em “Sílvia é alta”) contêm um modificador de grau nulo, batizado de “*pos*”, porque, nas formas positivas dos adjetivos, faz a conversão das funções de medida em propriedades de indivíduos.

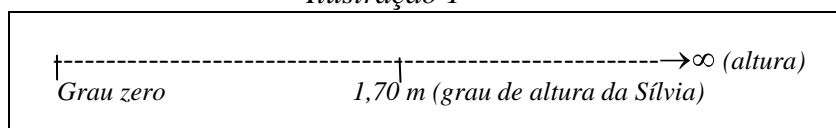
O valor de verdade de sentenças com certos adjetivos depende de um parâmetro contextual. Por exemplo, “Sílvia é alta” é uma sentença verdadeira se tomarmos como parâmetro a altura média de ginastas profissionais; a mesma sentença será falsa se elegermos como parâmetro a altura de jogadoras de basquete, mesmo mantendo fixa a medida da altura de Sílvia em 1,70 m. O valor de verdade de sentenças com alguns adjetivos é impermeável à manipulação do contexto. A verdade de “a porta está fechada” não é afetada pela inclusão no contexto de outras portas, em qualquer estado; o que conta é o encaixe perfeito da porta no seu nicho na parede. Adjetivos passíveis de manipulação contextual, como “alto”, são ditos “relativos”; adjetivos de parâmetro fixo, que dependem apenas de uma dimensão ou estado do indivíduo que lhes serve de argumento, e que não são afetados por mudanças de contexto, como “fechado”, são ditos absolutos.

### **Adjetivos e tipos de escala**

Adjetivos também se destacam pelo tipo de escala que apresentam. Os relativos apresentam escalas abertas na ponta superior e na inferior. Como uma escala é uma ordenação completa, que vai do mínimo ao máximo grau, dado que Sílvia tem 1,70 m

de altura, ela sempre será mapeada ao mesmo ponto fixo da escala, como ilustrado a seguir:

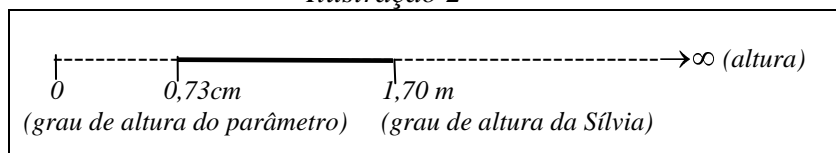
*Ilustração 1*



*Mapeamento do indivíduo à escala de altura, segundo sua medida.*

Saber que Sílvia mede 1,70 m de altura, porém, é insuficiente para decidir se ela é alta ou baixa. É preciso adotar um parâmetro, quer ele seja explicitado ou subentendido pelo contexto. Por comodidade, suponhamos uma comparação entre Sílvia e o homem mais baixo do mundo, He Pingping, que mede 0,73 m. Nesse caso, ambos serão projetados à escala de altura segundo suas medidas, e teremos uma ordenação parametrizada: o grau em que Sílvia é alta é maior que o grau em que He é alto (o maior grau é representado mais à direita que o menor).

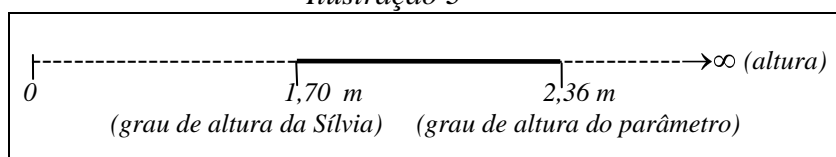
*Ilustração 2*



*Mapeamento do indivíduo e do parâmetro à escala de altura, segundo suas medidas.*

Tomando como parâmetro He Pingping, fechamos um segmento de escala de que ele é o grau mínimo (o mais próximo de zero) e Sílvia é o grau máximo (o mais próximo do infinito). Nesse contexto, Sílvia é alta. Podemos mesmo medir a diferença e dizer que Sílvia é quase um metro mais alta que esse homem. Mas outros parâmetros podem ser conversacionalmente assumidos. Comparando Sílvia a Bao Xishun, que tem 2,36 m de altura, obtém-se uma outra configuração na escala:

*Ilustração 3*



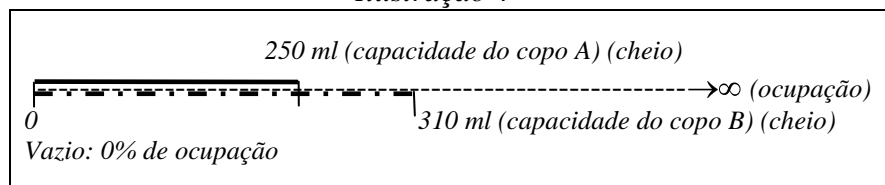
*Mudança contextual de parâmetro em escala aberta. (“alto”/ “baixo”)*

Agora Sílvia, medindo os mesmos 1,70 m, é a ponta mais próxima de zero do segmento. Nesse caso, “Sílvia é alta” é uma sentença falsa. Ela está significativamente (0,66 m) abaixo do parâmetro.

Um AG relativo como “alto” fornece apenas um extremo do segmento da escala; conforme o parâmetro adotado, o grau a que o argumento do AG é mapeado pode ser o mínimo ou o máximo do segmento. A verdade de uma sentença com “alto” exige que seu argumento seja mapeado ao grau máximo do segmento; a verdade de uma sentença com seu pólo oposto, “baixo”, exige que o grau a que seu argumento é mapeado seja o mínimo do segmento fechado com o grau do parâmetro. Sem ter definido um parâmetro, é impossível decidir se alguém é alto ou baixo.

Por outro lado, adjetivos absolutos extraem do indivíduo que lhes serve de argumento o grau mínimo e o máximo do segmento, o que torna o valor de verdade das sentenças em que figuram independente. Por exemplo, um copo está cheio quando sua capacidade completa foi ocupada; caso se trate de um copo de 250 ml, ele só estará cheio se contiver esse volume de líquido; se o copo é de 310 ml, só estará cheio com essa medida completa. Considerar um segundo indivíduo não altera o mapeamento do argumento ao grau máximo do segmento, sempre que a sua capacidade estiver completamente ocupada, mesmo que ela seja inferior à capacidade de outro copo:

*Ilustração 4*



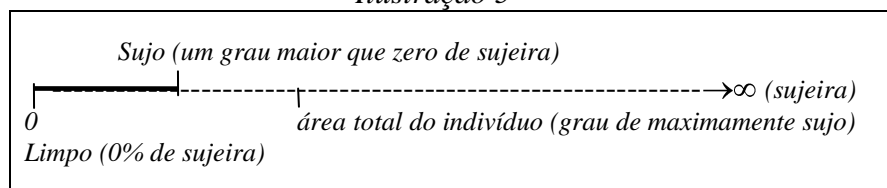
*Escala fechada no grau máximo e no mínimo (“cheio”/“vazio”).*

Um copo de 250 ml estará 100% cheio se contiver 250 ml de líquido; por sua vez, um copo de 310 ml estará cheio se contiver 310 ml de líquido; ambos estarão vazios se contiverem zero ml. Os pontos mínimo e máximo do segmento são dados por

uma dimensão inerente ao indivíduo, no caso, a capacidade de retenção de líquido do copo. Trata-se de uma escala fechada nas duas pontas, independentemente do contexto.

Há escalas em que a dimensão inerente ao indivíduo só define um de seus extremos. Por exemplo, o máximo de sujeira que pode recobrir um indivíduo é definido pela sua área de superfície; os resíduos que não estiverem sobre a área externa do indivíduo não contribuirão para torná-lo mais sujo. O valor máximo, então, varia de acordo com a área de superfície de cada indivíduo. Mas não é preciso atingir o limite máximo: para qualquer grau de sujeira diferente de zero (5%, por exemplo), será verdade que aquele indivíduo está sujo. O valor mínimo é fixo (em zero): está limpo o indivíduo que não traz nada de sujeira. A medida do estado de sujeira do indivíduo na situação relevante será mapeada ao grau máximo do segmento; invariavelmente, o grau mínimo será zero.

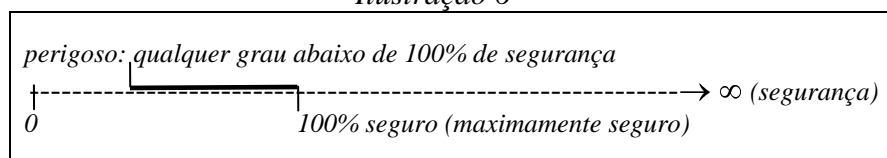
*Ilustração 5*



*Escala fechada no grau mínimo (“sujo” / “limpo”).*

Há escalas cujo grau máximo é saturado por propriedades inerentes do indivíduo; p. ex., se a função de medida mapear um indivíduo ao grau máximo do segmento, então ele é 100% seguro; para qualquer medida inferior a 100%, será verdade que o indivíduo é perigoso. O exame do estado de segurança do indivíduo na situação relevante vai gerar uma medida que será mapeada ao grau mínimo do segmento.

*Ilustração 6*



*Escala fechada no grau máximo (“seguro” / “perigoso”).*

Kennedy & McNally (2005) relacionam escala aberta a AGs relativos, cujo argumento nunca fornece mais do que um dos extremos do segmento, e que, por isso, depende do contexto para fechar uma ordenação parametrizada. Por outro lado, os autores relacionam escalas fechadas a AGs absolutos, já que o argumento do AG fornece medidas que saturam os dois extremos do segmento de escala.

A distribuição e a interpretação de modificadores de grau (DegQs) é sensível tanto aos tipos de escala quanto à relevância do contexto para julgar a verdade das sentenças.

### **Modificadores de grau em inglês**

Kennedy & McNally (2005), estudando a modificação de AGs deverbais por “*well*”, “*much*” e “*very*”, verificaram a seguinte complementaridade em sua distribuição: “*much*” e “*well*” modificam exclusivamente AGs absolutos, enquanto “*very*” modifica exclusivamente AGs relativos. “*Well*” é especializado em escalas fechadas nos dois extremos; “*much*” é especializado em escalas fechadas no extremo inferior. Os autores se restringiram ao exame dos AGs deverbais devido às restrições categoriais desses modificadores: os três podem modificar participios (“*well documented*”, “*much needed*”, “*very interesting*”), mas nem todos podem modificar comparativos (\*“*well more protected than...*”/ <sup>√</sup>“*much dirtier than*”/ \**very taller than...*”) ou AGs na forma positiva (\*“*well dirty*”/ \**much dirty*”/ <sup>√</sup>“*very dirty*”).

Outras observações foram feitas quanto a particularidades desses modificadores. “*Well*”, por exemplo, é tratado como um modificador que toma uma escala completamente fechada como input e devolve uma escala completamente aberta como

output. A leitura de grau de “*well*” aparece apenas quando a escala do adjetivo absoluto é fechada no grau mínimo; se a escala é fechada no grau máximo, “*well*” pode modificar o adjetivo, mas produz uma leitura adverbial de modo.

Uma outra informação interessante disponibilizada pelos autores é a de que “*much*” só pode modificar com felicidade escalas fechadas no extremo inferior. Isso porque o papel de “*much*” é amplificar, elevar o grau a que o argumento é mapeado na escala; e o grau máximo não pode ser aumentado. A seguir, trataremos das contrapartes desses DegQs em PB.

### **Modificadores de grau em PB**

Há três DegQs em PB que constituem bons candidatos a correlatos dos modificadores de grau do inglês mencionados no estudo de Kennedy & McNally. Como “*well*”, “bem” é ambíguo entre duas leituras, uma de ampliação/ aumento de grau e outra de maneira (na qual “bem” pode ser substituído pelo advérbio “mal”). A leitura de intensificação, em que “bem” vale por “em um bom tanto”, está disponível para todo AG de grau, independentemente da orientação da escala; a leitura de maneira é a única disponível para adjetivos do PB que não aceitam modificação de grau, classe em que se incluem os patronímicos, os de estado civil e os participípios que denotam estados resultantes, nos termos de Kratzer (2000): aqueles estados que são consequência da culminância de um evento, e são usados na voz passiva, com o verbo “ser”. Os participípios que denotam estados-alvo (“target states”, nos termos de Kratzer, 2000) aceitam modificação por grau em PB e permitem a leitura de intensificação (um bom tanto) quando modificados por “bem”.

- (1) João está bem triste.
- (2) O trabalho está bem feito.
- (3) Ele vai agora usufruir de um descanso bem merecido.

Em (1), “bem” eleva o grau de tristeza de João; em (2), “feito” é um particípio sem grau, denotando um estado resultante da culminância do evento, e “bem” tem leitura de advérbio de maneira (o oposto de “mal”), não de intensificação ou aumento de grau. O particípio “merecido” denota um estado-alvo: o argumento do AG fez por merecer o descanso; “bem” tem leitura de elevação de grau em (3).

“Muito”, como “*well*”, também pode ser descrito como um modificador que toma uma função e devolve outra; “muito”, porém, pode tomar como input tanto escalas fechadas quanto abertas; é certo que o resultado, após a modificação, será sempre uma escala aberta. “Muito” pode substituir “bem” nas sentenças em que a leitura de grau está disponível para bem (1/3 acima); na verdade, “muito” modifica qualquer AG. “Muito” só não pode substituir “bem” em (2) porque “feito” não é um AG.

Quanto a “*much*”, o DegQ do PB que se compara a ele é “todo”. Se nos restringirmos a AGs singulares, para controlar por “todo” intensificador (em detrimento do “todo” modificador nominal flutuante), verificaremos que “todo” modifica AGs absolutos de escala fechada no grau mínimo. A razão que impede “todo” de modificar AGs absolutos com escala fechada no grau máximo é muito semelhante à que impede “*much*” de fazer o mesmo: “todo” é um saturador de grau máximo, e, em escalas fechadas no extremo superior, os graus máximos já estão definidos, de modo que ali não há mais o que saturar.

Diferentemente de “*much*”, “todo” também pode modificar AGs relativos, desde que a escala do AG não possa ser associada a nenhuma função de medida. Por exemplo, “altura” pode ser medida em metros ou pés, mas “felicidade” não tem uma unidade de medida aplicável:



- (4) a. João é bem/ muito/ \*todo alto. (escala com medida associada)  
b. João está bem/ muito/ todo feliz. (escala não mensurável)

Como se deduz por (4), os DegQs do PB se diferenciam dos de inglês porque não sofrem restrição categorial. “Muito” e “bem” combinam-se a qualquer AG, seja participial (3) ou na forma positiva (4); inclusive combinam-se a comparativos:

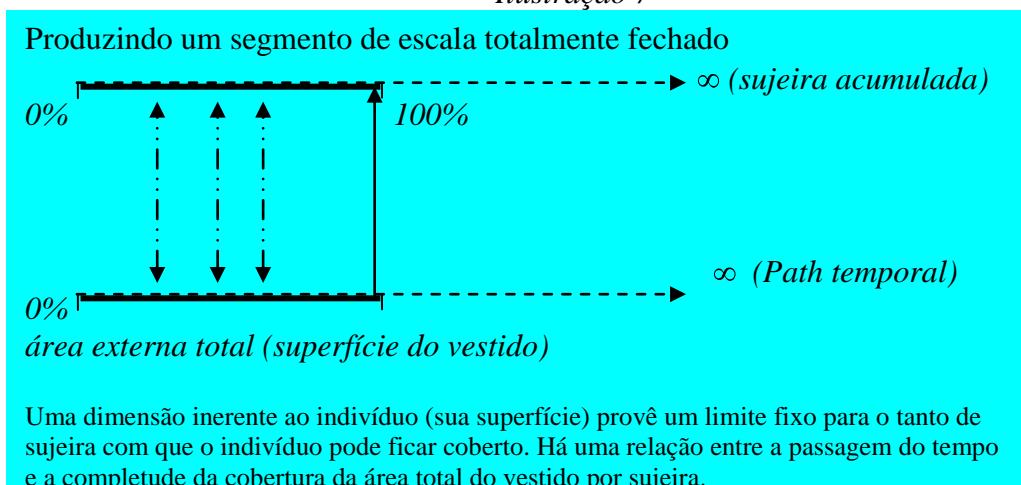
- (5) a. João é bem/ muito/ \*todo mais velho que Maria.

Só “todo” não se combina a comparativos (5). Mesmo sendo o mais seletivo dos DegQs do PB, vimos que “todo” pode se combinar a AGs relativos (sem medida associada, como em (4b)), o que “*much*” não faz. Em geral, os modificadores do PB são bastante mais permissivos que os do inglês. O PB não conta com um DegQ especializado em AGs relativos, nem em escalas somente fechadas. Querirá isso dizer que a afirmação de Kennedy e McNally (2005) sobre os DegQs reagirem à (in)dependência contextual e ao tipo de escala dos AGs é desafiada pelos dados do PB? Para respondermos a essa questão, vamos comparar os efeitos da modificação por “muito” aos da modificação por “todo”.

### **“Todo”+ AG comparado a “muito”+ AG**

“Todo” toma uma escala fechada no grau mínimo e satura o grau máximo, devolvendo uma escala totalmente fechada. A manipulação contextual fica descartada. O argumento do AG tem de prover uma dimensão que possa ser medida e mapeada a um grau máximo na escala.

### Ilustração 7



#### *A construção da leitura absoluta por “todo”*

O efeito da leitura absoluta produzida por “todo” é visível na mudança de condições de verdade de (5) para (6):

(5) Meu vestido está sujo → Meu vestido está minimamente sujo

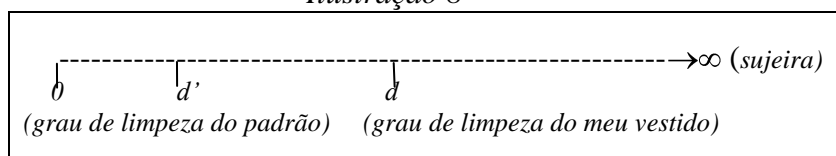
(6) Meu vestido está todo sujo → Meu vestido está maximamente sujo

Já “muito” toma qualquer AG como argumento e produz uma leitura relativa, parametrizada para um valor contextualmente saturado, que, em virtude de alterações no contexto, pode ser ordenado para cima ou para baixo do grau a que o argumento do AG é mapeado na escala. Portanto, num contexto, o argumento do AG pode ser mapeado ao grau máximo do segmento, e, em outro, ele pode ser mapeado ao grau mínimo.

(7) Meu vestido está limpo → Meu vestido está maximamente limpo

(8) Meu vestido está muito limpo → Meu vestido está mais limpo que um outro (fornecido pelo contexto), mas pode estar um pouco sujo.

### Ilustração 8



#### *Construção de leitura relativa: ordenação quanto ao parâmetro*

As condições de verdade de uma sentença com “muito” + AG são distintas das de uma com “todo” + AG. Para a verdade de (8), basta a existência, no contexto, de um indivíduo com um grau da propriedade relevante inferior ao do argumento do AG. O

produto de “muito” + AG não é um segmento fechado de escala, mas um grau específico. A isso se convencionou chamar “leitura de padrão mínimo”. Já para a verdade de (6), é necessário que o indivíduo do qual o AG predica apresente uma dimensão inerente que possa ser medida e mapeada ao extremo máximo do segmento, de modo a completar a escala fechada. “Todo” satura o grau máximo, e a verdade de uma sentença com “todo” + AG exige que, para todo grau da escala inferior ao máximo, o argumento do AG exiba esse grau da propriedade. Se o copo está cheio com 250ml de água, ele contém todos os valores menores de volume: 200 ml, 150 ml, 50 ml etc. A isso se convencionou chamar “leitura de padrão máximo”.

### **Considerações finais**

A seleção que os modificadores de grau do inglês fazem dos AGs que modificam aparece em PB na complementaridade do resultado do sintagma adjetival já modificado. “*Much*” e “*well*” selecionam exclusivamente AGs absolutos; “todo” + AG produz exclusivamente a interpretação de AGs absolutos, a “leitura de padrão máximo”. “*Very*” seleciona exclusivamente AGs relativos; “muito” + AG produz exclusivamente a interpretação de AGs relativos, a “leitura de padrão mínimo”. “Muito” + AG tem a vagueza e a dependência contextual típica de AGs relativos; “todo” + AG pode ser impreciso, mas não vago; e tem a independência contextual típica dos AGs absolutos. “Muito” + AG produz somente escalas abertas; “todo” + AG produz apenas escalas totalmente fechadas.

Os dados indicam que as características das escalas e dos padrões de dependência contextual são universais, mas o campo em que modificadores são

sensíveis a essas distinções podem variar de uma língua para outra. Em inglês, as distinções guiam a seleção de AGs nus (na forma positiva) por modificadores de grau; em PB, as mesmas características distinguem um composto AG + DegQ de outro. Interessantemente, o inglês tem determinantes especializados em nomes nus de massa (“*much sugar*”) ou contáveis (“*many apples*”), enquanto o PB não faz essa diferença (“muito açúcar”, “muitas maçãs”). O nome nu contável do inglês (“boy”) é singular, isto é, denota exatamente uma unidade-padrão de menino; em PB, a construção de uma denotação com exatamente uma unidade de menino só é possível como descrição definida: “o menino”. O nosso nome nu sem plural, “menino”, denota qualquer quantidade de menino.

Tanto no domínio nominal quanto no das escalas, o inglês tem necessidade de distinguir desde o nível de menor estrutura sintática entre nomes de massa e contáveis, AGs relativos e absolutos. O PB distingue apenas entre cumulatividade e quantização: todos os nomes nus e todos os AGs são denotações cumulativas em PB; todas as descrições definidas e todas as escalas fechadas são denotações quantizadas.

## Referências

CORVER, Norbert. *Much*-support as a last resort. **Linguistic Inquiry** 28:119-64, 1997.

DOETJES, J. S. **Quantifiers and Selection. On the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English.** 1979. PhD Dissertation. Leiden University. The Hague: HAG, 1997.

HAY, Jennifer, KENNEDY, Christopher, and LEVIN, Beth. Scalar structure underlies telicity in degree achievements. In **The Proceedings from the Ninth Conference on Semantics and Linguistic Theory: SALT IX**, Ithaca, New York. Cornell University, Department of Linguistics, CLC Publications, 1999.

KRATZER, Angelika (2000). **Building Statives**, ms., University of Massachusetts at Amherst.

KENNEDY, Christopher & MCNALLY, Louise (1999). From Event Structure to Scale Structure: Degree Modification in Deverbal Adjectives. In Matthews, Tanya and Devon Strolovitch (eds.), **Proceedings of Semantics and Linguistic Theory 9, CLC Publications**, Ithaca, NY, 163-180

KENNEDY, Christopher & MCNALLY, Louise. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. In: **Language** - Volume 81, Number 2, June 2005, pp. 345-381. [Draft. 2004. Disponível em: <<http://www.ling.northwestern.edu/~kennedy/Docs/km-scales.pdf>> Acesso em: 12.abr.2004]

KRIFKA, Manfred. (1998) The Origins of Telicity. In: ROTHSTEIN, Susan (ed.). **Events in Grammar**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. pp. 197-235. LINK, Godehard. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice-theoretical approach. In: SCHWARZE, BAEUERLE & von STECHOV (eds). **Meaning, Use and Interpretation of Language**. Berlin: De Gruyter, 1983. pp. 250-209

SCHWARZSCHILD, Roger. The grammar of measurement. In **Proceedings of SALT XII**, ed. Brendan Jackson. Ithaca, NY: CLC Publications, 2002.